

# GIORGIO ANGELO EDOARDO PESARO<sup>1</sup>

(Milão, 1936)



Giorgio Angelo Edoardo Pesaro, s. d.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Arqshoah-Leer/USP.

---

<sup>1</sup> Entrevista concedida por Giorgio Pesaro a Rachel Mizrahi, com a colaboração de Anna Rosa Bigazzi e Myriam Chansky (AHJB). S. Paulo, 6.5.2011, complementada em 24.8.2016. Acervo: Arqshoah-Leer/USP. Iconografia: Nanci Souza e Samara Konno.

## *Minhas raízes ítalo-sefaraditas*

Minha família tem antigas raízes, possivelmente sefaraditas, com ramificações nas cidades de Ferrara e Roma (Itália). Nasci em 13 de abril de 1936, em Milão (Itália), sob o governo fascista de Mussolini. Sou filho de Umberto Pesaro, nascido em Ferrara, em 1902, e Gabriella Piazza Coen Pesaro, nascida em Roma, em 1904, conhecida também como Nella. Meus avós paternos chamavam-se Angelo e Giorgia; e os maternos, Edoardo, natural de Alexandria (Egito), e Giuditta, natural de Ancona. Pelo lado dos Coen, sei que ocuparam posições de destaque na sociedade italiana. Edoardo Coen atuava na área de engenharia química, na alfândega de Roma.



Milão (Itália), cidade natal de Giorgio Pesaro.  
Google Maps.

Vittorio Coen, irmão de minha mãe, foi advogado da família real da Itália e faleceu quando em serviço na África do Norte, na queda de uma aeronave. Umberto, meu pai, era comerciante de tecidos da Tessil-Moda, em Milão, e minha mãe atuava como professora em escola elementar e normal. A loja da família, situada na Via Dante, era grande e conhecida em Milão. Morávamos em um prédio da Via Tomaso Grossi, perto da Praça Del Duomo e da Catedral de Milão.

## *Diante das leis raciais antisemitas*

As leis raciais promulgadas por Benito Mussolini em 1938 surpreenderam todos os italianos que viviam, até então, assimilados na sociedade italiana. Após a implementação de um conjunto de medidas que classificavam os judeus como “raça inferior”, centenas de judeus italianos foram expulsos dos seus cargos nas universidades, além das crianças judias com dificuldades de estudar em escolas públicas.<sup>A</sup>

Em consequência da proximidade do governo de Mussolini com a Alemanha nazista, intensificaram-se as perseguições antisemitas por toda a Itália. Milhares de judeus foram forçados a emigrar. Alguns judeus fugiram de bicicleta para o interior da Itália. Bruno Pesaro, irmão de Umberto, meu pai, fugiu para a Suíça. Da nossa família sei que alguns foram para os campos de concentração.<sup>B</sup>

Sem possibilidades de continuarmos na Itália, meu pai resolveu emigrar para o Brasil, assim como os Camerini, Coen, Arton, Terni, Temin e outros. Conseguiram liberar apenas vistos na categoria de temporários, por causa das Circulares Secretas antisemitas impostas pelo governo Vargas a partir de 1937.<sup>C</sup> Assim, embarcamos no porto de Gênova em direção ao porto de Santos, no Brasil.

A- A partir de 1938, o Ministério das Relações Exteriores do Brasil, que tinha como chanceler Oswaldo Aranha, foi constantemente informado sobre as leis raciais implementadas na Itália por Mussolini e as consequências para os judeus espoliados em seus direitos de cidadãos italianos. No dia seguinte à promulgação das leis, a embaixada do Brasil em Roma enviou como anexo o recorte do periódico italiano *Il Popolo di Roma* contendo o texto do decreto que determinava a expulsão dos judeus estrangeiros radicados na Itália, a partir de 1º de janeiro de 1919. Informava também que as concessões de cidadania italiana feitas aos semitas (leia-se judeus), posteriormente àquela data, estavam revogadas pelo artigo 3º do referido decreto e que havia a determinação de que todos os judeus “do Reino, da Líbia e do Egeu” deveriam abandonar esses territórios no prazo máximo de seis meses, sujeitos à expulsão e às penalidades estabelecidas em lei.

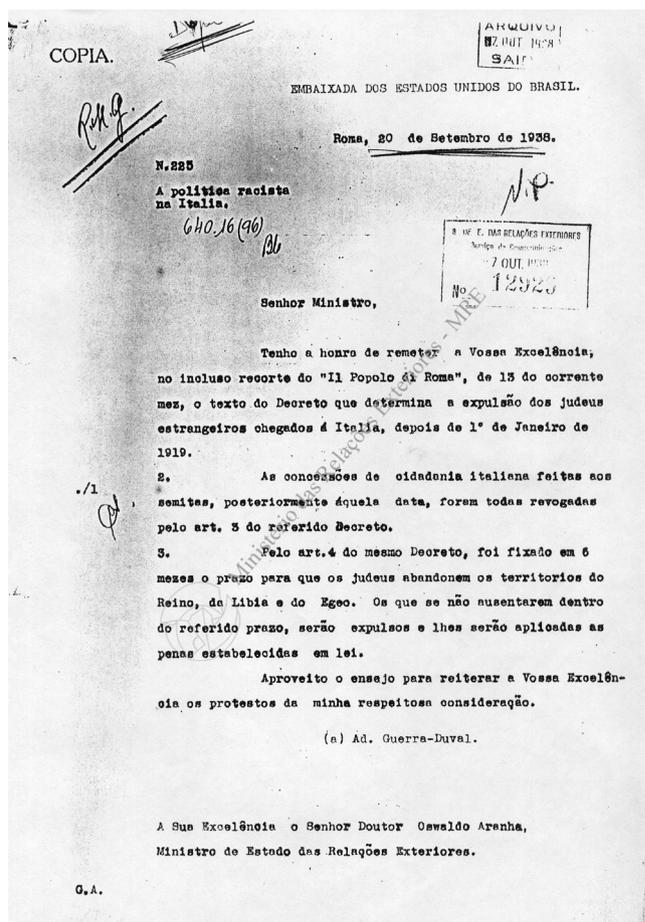
B- O tio de Gabriella Piazza Coen Pesaro (mãe de Giorgio Pesaro) era Giacomo Piazza, filho de Isacco Piazza e Marianna Coen. Giacomo nasceu em Ancona, na Itália, em 16 de janeiro de 1873. Era casado com Amelia Coen. Preso em Montecatini (Pistoia), foi deportado para o campo de Auschwitz e não sobreviveu ao Holocausto. A esposa, Amelia Coen, filha de Vito Coen e Octavia Servos, nasceu no Egito, em Alexandria, em 6 de março de 1871. Presa em Montecatini (Pistoia), foi deportada para o campo de Auschwitz e, assim como Giorgio, não sobreviveu ao Holocausto. Fonte: Fondazione Centro di Documentazione Ebraica Contemporanea (Cdec), Fondo Massimo Adolfo Vitale.

C- A partir de 25 de maio de 1937, o antisemitismo foi formalizado secretamente por aqueles que gerenciavam o poder durante os governos de Getúlio Vargas e Eurico Gaspar Dutra. Mascaradas por um discurso ufanista dedicado a “promover o homem trabalhador brasileiro e defender o desenvolvimento e a paz social do país”, as Circulares Secretas foram aplicadas para desqualificar os judeus como cidadãos, discriminados como uma fonte de ameaça política, econômica e social. Administradas pelo Itamaraty, essas regras criaram fronteiras físicas e mentais, incitando sentimentos de estranheza e ódio com relação aos judeus (cf. CARNEIRO, 2001, 2003, 2010).

## Da Itália para o Brasil

A situação emergente de uma segunda guerra mundial deixou meu pai aliviado quando viu toda a sua família a bordo do navio Augustus em direção ao Brasil.<sup>A</sup> Os Pesaro desembarcaram no porto de Santos, no dia 3 de maio de 1939. Nessa ocasião, Umberto tinha 37 anos e a esposa, Gabriella, 35 anos, acompanhados do pequeno Giorgio

A- No navio Augustus, estavam também: Attilio Modigliani, comerciante, 43 anos; Marluccia Artom Colombo, 34 anos, e o esposo, Mario Artom, médico, 42 anos. Como católicos, vieram Eugenio Rosemberg Colone, 38 anos, e Carla Rosemberg Colone Basani, 33 anos, que desembarcaram no porto do Rio de Janeiro. Ver planilha “Relação de italianos judeus radicados no Brasil a partir da promulgação das leis raciais na Itália, em 1938” em “Cognome e nome etã profess. nave e data arrivo relig. dest fontimorte...”, disponível em: <[www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8152/tde.../planilha\\_1.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8152/tde.../planilha_1.pdf)>. Acesso em: 13 ago. 2017.



Ofício de Guerra-Duval, adjunto da embaixada do Brasil na Itália, informando Oswaldo Aranha, ministro das Relações Exteriores do Brasil, sobre as leis raciais implementadas na Itália.

Roma, 20.12.1938. Acervo: Arquivo Histórico do Itamaraty. Disponível em: <<http://www.arqshoah.com/index.php/busca-arquivo/arq-822-a-politica-racista-na-italia>>.

Acesso em: 3 ago. 2017.

*Giorgio Angelo Edoardo Pesaro*

Angelo Edoardo, com apenas 3 anos. A viagem de navio foi tranquila e alegre, como mostram as fotografias tiradas a bordo. Não trouxeram bens, somente dinheiro e roupas. O patrimônio familiar ficou na Itália, dividido entre os funcionários das lojas para evitar delações. O próprio estabelecimento foi cedido aos funcionários da loja.

Assim que chegamos a S. Paulo, fomos recebidos pelos Coen e Camerini que aqui já estavam, pois tinham desembarcado alguns meses antes, em 23 de fevereiro de 1939. Inicialmente, fomos morar em uma pensão na Praça da República, no centro da cidade.



Umberto Pesaro, Nella Pesaro e Giugitta Coen na residência da Rua Castro Alves, nº 543 na Aclimação. S. Paulo, 1958. Fotografia não identificada. Acervo: Pesaro/SP; Arqshoah-Leer/USP.



Umberto Pesaro, Eduardo Coen, Giugitta Piazza Coen, Gemma e Vittorio Camerini, Silvia, Elena e Giorgio Pesaro. S. Paulo, 1948. Fotografia não identificada. Acervo: Pesaro/SP; Arqshoah-Leer/USP.

*Vozes do Holocausto*

Em seguida, passamos para uma casa na Rua Castro Alves, nº 543. Em S. Paulo, éramos vizinhos de José Paulo de Macedo Soares, irmão do ministro da Justiça de Getúlio Vargas e, graças a essa amizade, conseguimos transformar os nossos vistos em permanentes, garantindo assim nossa presença legal no país.



Umberto e Nella Pesaro, Eduardo Coen, Giugitta Piazza Coen, Gemma e Vittorio Camerini, Silvia, Elena e Giorgio Pesaro. S. Paulo, 1948. Fotografia não identificado.

Acervo: Pesaro/SP; Arqshoah-Leer/USP.



Nella Pesaro. S. Paulo, 1948.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Pesaro/SP; Arqshoah-Leer/USP.

## Assimilados em S. Paulo

Aos poucos, meu pai voltou a trabalhar no comércio de importação e exportação de tecidos, e minha mãe dedicou-se à família. Nunca senti no Brasil discriminação e na escola era chamado de “italianinho”. Cursei o ginásio na escola Dante Alighieri e o colegial no Colégio Bandeirantes, e me formei em Engenharia na Universidade Mackenzie em 1960. Dizem que mantenho um sotaque, pois meus pais só falavam italiano em casa.

De início, frequentávamos a Sinagoga da Abolição. Depois passamos para a sinagoga fundada pelos judeus alemães da Rua Brigadeiro Galvão, antes da construção do edifício da Congregação Israelita Paulista (CIP), que hoje fica na Rua Antônio Carlos, uma travessa da Rua da Consolação. Seguimos o caminho dos Camerini, Bondi, Levi, Temin, Foá e outros que optaram por frequentar a sinagoga em um judaísmo mais liberal.<sup>A</sup>Não retornamos à Itália, mesmo após o término da guerra que deixou vítimas na nossa família:



Umberto Pesaro, 1942.  
Fotógrafo não identificado.  
Acervo: Pesaro/SP;  
Arqshoah-Leer/USP.

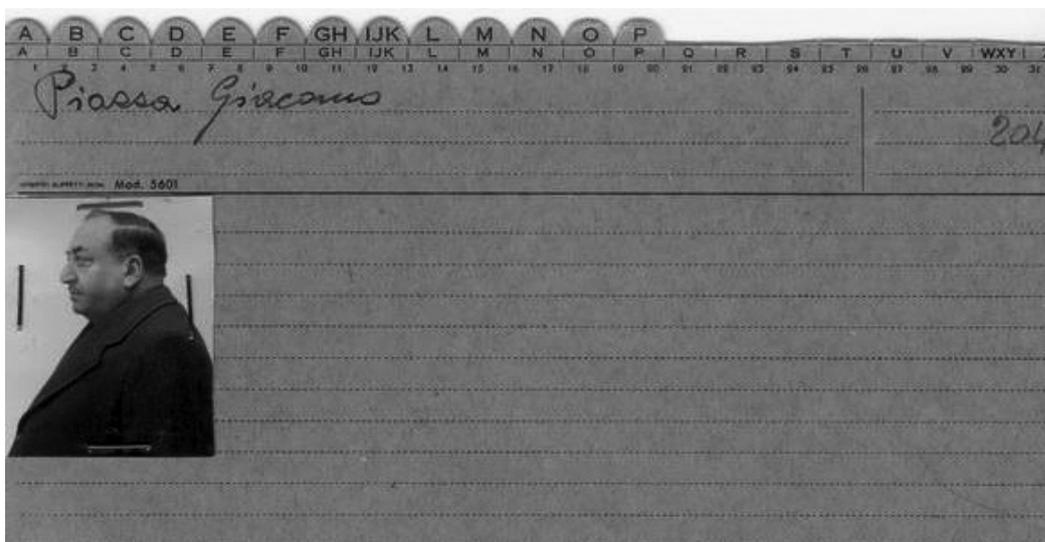


Giorgio Pesaro, 1950.  
Fotógrafo não identificado.  
Acervo: Pesaro/SP;  
Arqshoah-Leer/USP.

A- Em 1924, cerca de 50 famílias, guardando suas origens ibéricas e mantendo o judeu-espanhol como língua comum e costumes, aconselhadas por Amadeu Toledano, decidiram iniciar a construção da sinagoga na Rua da Abolição, na Bela Vista, bairro central da cidade. O templo Comunidade Israelita Sephardim foi inaugurado em 9 de junho de 1929, com cerimônia solene oficiada pelo rabino Isaías Raffalovitch. Na década de 1940, foi designada como Sinagoga Israelita Brasileira do Rito Português e, na seguinte, como Templo Israelita Shaar Hashamaim. Em 1963, depois de ampla reforma, tornou-se Templo Israelita Brasileiro Ohel Yaacov. Mas até hoje é popularmente conhecida como Sinagoga da Abolição. Em fins dos anos 1930, os *ismirlis* (Smirna) recepcionaram judeus procedentes da Itália, Iugoslávia e Bulgária, refugiados de uma Europa agitada e conturbada pelo racismo alemão, e os de outras origens. De origem variada, os judeus italianos apresentavam-se com linhas religiosas diferenciadas: conservadores e liberais. Entre as famílias que passaram a frequentar a sinagoga, estavam os Del Giglio, Bonfatti, Levy, Barocas, Ventura, Proccacia, Franco e Rozen (búlgaros), Reichardt, Fortes, entre outras. Os judeus italianos se caracterizaram por introduzir o canto e o coral nas cerimônias religiosas da Abolição e CIP. MIZHARI, Rachel, 2003.

## *Vozes do Holocausto*

perdemos alguns parentes que não conseguiram emigrar, fato que atestamos assim que a guerra terminou. Meu tio maternos Giacomo Piazza foi levado pelos fascistas. Não sei o que aconteceu com eles: se foram deportados ou não



Fotografia: Giacomo Piazza, tio materno de Gabriella Piazza Coen Pesaro, arquivada pelo projeto I Volti della Memoria, iniciativa da Fondazione Centro di Documentazione Ebraica Contemporanea (Cdec), que conta com o acervo de 364 fotografias de judeus deportados da Itália durante o período do Holocausto. Fonte: Fondo Massimo Adolfo Vitale. Fotografia número 206-494.

Disponível em: <<http://www.cdec.it/voltidellamemoria/dbdisplay03.asp?idssel=249&co=&a=&s=>>. Acesso em: 3 ago. 2017.

Em S. Paulo, participei de movimentos juvenis sionistas como o Dror. Alguns italianos, como os Corinaldi, foram para Israel. No Brasil, minha tia Gema Coen Camerini (casada com Vittorio Camerini) foi presidente da Women's International Zionist Organization (Wizo). Vittorio participou da "Unificada" e da campanha para arrecadar fundos para o Estado de Israel. Sua filha, Elena Camerini, casou-se com Ernesto Moritz. A filha do casal, Lilia, casou-se com Luiz Schwarcz, da empresa editorial Companhia das Letras. Posso afirmar que na Itália não sentíamos diferenças entre asquenazitas e sefaraditas que, muitas vezes, casavam-se entre si.

Cursei Engenharia na Universidade Mackenzie e antes estudei por mais de dois anos na Fundação Getulio Vargas. Formei-me Engenheiro Civil e construí muitas obras em S. Paulo. Casei-me com Lucília Pereira em 1960 e tive três filhos: Fábila, Floriano e Eduardo.

Fábia é engenheira agrônoma, Antonio Eduardo é médico cardiologista especializado em coronárias no Hospital Albert Einstein, e Floriano tem uma extensa biografia, pois é hoje um reconhecido político, além de ser muito atuante na comunidade judaica de S. Paulo, como podemos constatar pelo seu currículo a seguir:

Floriano Pesaro nasceu em S. Paulo, em 14 de abril de 1968. Formou-se em Sociologia pela Universidade de S. Paulo, com especialização em Processo Legislativo e Relações Executivo/Legislativo pela Universidade de Brasília. Fez também um curso de extensão cultural pela Escola de Governo de S. Paulo. É autor do livro *O Futuro no Presente. Por uma S. Paulo mais humana e participativa*. Ao longo de sua carreira exerceu importantes funções nas três esferas de governo – Federal, Estadual e Municipal. Em Brasília, atuou na Casa Civil da Presidência da República e no Ministério da Educação, onde criou e implantou o Programa de Financiamento Estudantil – FIES e o Bolsa Escola, o primeiro programa nacional de transferência de renda.

Após oito anos na capital federal, em 2003, Floriano Pesaro retornou a S. Paulo, onde foi Secretário-Adjunto da Casa Civil do Governo do Estado de S. Paulo, Secretário Executivo do Comitê de Qualidade da Gestão Pública e Coordenador do Comitê Gestor de Política Social, criado para formular e coordenar políticas, programas e ações sociais do Governo do Estado.

Como Secretário Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social, Floriano Pesaro criou um modelo inovador de gestão social, implantando os programas S. Paulo Protege e Ação Família – Viver em Comunidade, além da inédita campanha “Dê mais que esmola. Dê futuro”, que tirou mais de duas mil crianças das ruas da capital.

Na Câmara Municipal foi Vice-Presidente da Comissão Extraordinária Permanente de Defesa dos Direitos da Criança, do Adolescente e da Juventude, membro da Comissão Permanente de Finanças e Orçamento, Vice-Presidente da Subcomissão de Acompanhamento do Plano de Metas – Agenda 2012. Integrou a Comissão Parlamentar de Inquérito da Pedofilia e Enfrentamento da Violência Sexual Infante-Juvenil. É também Conselheiro Municipal da Juventude (1ª Gestão). Hoje, é secretário de Estado e Deputado Federal.

Atualmente, aos 81 anos, continuo trabalhando na Companhia Paulista de Obras e Serviços (CPOS) que presta serviços ao governo do Estado de S. Paulo. Deixo aqui a minha mensagem: apesar do choque recebido pela família – da emigração forçada –, a excelente acolhida recebida no Brasil permitiu o usufruto de uma vida satisfatória.

*Vozes do Holocausto*



Floriano Pesaro, filho de Giorgio Pesaro, no International Council of Jewish Parliamentarians.

Israel, dezembro de 2015. Fotografia não identificado.

Acervo: Pesaro/SP; Arqshoah-Leer/USP.